

REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR—**JOAQUIM CARDOSO**
Redacção e administração—Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa—PORTUGAL
End. telegr. *Telhado*—Lisboa—Telefones
Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

CONFRONTOS

Diziamos ontem: Isto parece a muita gente, de facto, um cadáver. E, como assim, como isto aflige, como trespassa de frio, como gela de morte, esta-se: Um governo! Um governo depressa! Uma dúzia, meia dúzia de homens, quaisquer, não importa quais, que arranquem esse catalepto (o Estado) ao profundo sono em que se encontra ou que galvanizem este corpo morto e deem aparências que sejam de vida, sejam, embora, descobertos os seus movimentos, sejam esgaras trágicas, embora, os seus gestos! Um governo! Um governo!

Diziamos isto, ontem, traçando o ponto de vista da situação, e comentando estas palavras o corpo alucinado de uma parte da imprensa, a face da paralisia dos serviços do Estado por virtude da greve do funcionalismo.

Terminávamos o nosso artigo dizendo que, de facto, esse governo—assim tão insistentemente chamado, pedido em altos gritos, como os meninos pedem a mãe de Scott ou como era o rei das rãs da fábula...—via de vir, havia de formar-se, mas não somente para um período mais ou menos curto—anos, meses, sabo-se lá!...—iludir os olhos que desejam iludir-se, os olhos que querem ainda convencer-se do inviolável, os que preferem ter a grotesca e trágica aparência da vida num corpo morto a colaborar, desde já na sociedade que se está organizando.

E o governo, ao que nos dizem, está já constituído: um governo democrático da ilustre e insigne personalidade do general António Maria Baptista—vulgo, o Baptista—que galhardamente sobrepõe a sua vontade à do interior.

Está já este governo «à altura da gravidade das circunstâncias»...—procurará algum.

Vamos a ver o que responde a isto o sr. Mayer Garção, que, ontem, no editorial de *A Manhã*, um sonso e um brilhante artigo—aqueles que a sua pena contralava as vezes produz—discreto, muito, a propósito, sobre uma limpa frase o concluía, com o seguinte, a respeito dos políticos:

Triste é confessá-lo. A maior parte destes homens tem mostrado que não está à altura das circunstâncias.

E continuava o citado jornalista, nesta forma que nos apraz transcrever:

O caso mais recente que estas reflexões me provoca foi o da alusão, feita, a propósito da atitude dos funcionários públicos, à velha lei das greves de 6 de Dezembro de 1910. Creio que ainda não quem estivesse persuadido de que a diploma tinha qualquer espécie de valor no aspero e gigantesco conflito das circunstâncias engendrou sob o peso da vista da questão social, tornada o maior problema da humanidade desde a confusão europeia.

A lei de 6 de Dezembro de 1910 tem perto de dez anos, e nunca foi realmente cumprida porque estabelecia o princípio inviolável da declaração de greve, dias antes do abandono do trabalho. E, claro, devia ter sido sempre que uma das garantias das greves não se imprimia na sua declaração, variadas, previamente, durante tempo suficiente para a substituição dos chefes. Mas, em relação ao instante presente, se pensarmos que desde a declaração desse diploma passaram quase dez anos, e que durante esse período se deram convulsões no mundo, de tal magnitude e gravidade que a humanidade se previa; se pensarmos que do que se trata não é de salvar as prescrições duma velha e já ignorada lei, mas os próprios princípios sociais, nos termos do direito de garantir-se a altura das circunstâncias os homens que, em face da situação, do ciclo histórico, em face da transformação do mundo, se lembraram de recorrer à lei de 6 de Dezembro de 1910?

Ah! o momento que passa está acima da lei de 6 de Dezembro de 1910: está acima de todas as leis; está mesmo acima das próprias noções consagradas do direito público. As circunstâncias são outras circunstâncias que tudo agitam no seu molde, circunstâncias que são como os deuses, prendendo as sociedades para não fugirem à obra de renovação que se opera e alavanca de um povo para movimentar o globo, que se assentam em novas bases, no universo das consciências.

A justiça nem sempre é o direito. A necessidade dos povos, e do próprio género humano, chama-se muitas vezes justiça. Essa justiça cria novas

NÃO APOIADO!

LOCUTORIO DUM INSURRECTO

Sentaram-se na minha frente e pediram sopa pra dois. O galegoito de serviço ao gabinete deu duas passagens de lambaz pelo mármore engordurado da mesa, poz dois talheres, garfos sem dentes, facas sem gume, guardanapos apresentando as máculas sordidas de toda uma semana de circulação por mil e um clientes. Trouxe-lhes pouco após a sopa encomendada em pratos quasi planos, quebrados nos bordos, fendidos no diâmetro. E eles começaram a sorver as colheradas a aguafilha insípida que lhes puzeram na frente, um ao lado do outro, e no meio deles um bambino magrêzco, solenito, silencioso e efêlico, a entrever a morte através das pálpebras semicerradas. O pai dava assim geitos de empregado no comércio, fiel de armazém ou coisa parecida, e bem se percebia, observando-lhe o olhar especial da pronúncia, as frases caracteristicamente moldadas, e os ademanes bruscos e sencermoniosos, que se tratava dum provinciano, beirão se me afigurou, com o vigor a meia haste já, mercê dum lustro ou mais de vida lisboeta. Ela é que, seguramente, nascera aqui, e estampavam-se-lhe no rosto ovalado os estigmas todos com que Lisboa usa marcar as suas filhas pobres. Costureira por certo, nem bonita nem feia, mas moça ainda, os ombros descaídos, o peito sem elevação, e nas faces uma palidez de anemia a atestar a circulação de sangue empobrecido por um trabalho cotidiano de muitas horas em conjugação com um sustento escasso e sem valia. Os almoços de sopas de café, que excitam sem alimentar, os jantares de caldo sem propriedades nutritivas, que enche o estômago sem vigorizar o corpo, o leite duas vezes desnatado, o ar viciado dum habitação sem sol e sem alegria, todas estas circunstâncias agindo simultaneamente, haveriam pôdo assim, decora e magrinha, incapaz de gerar um filho são, impotente para sustentar a vida, mercê dum aleitamento rico e abundante, o impulso fanado que a seu lado escabeava silenciosamente. E de olhar para o quadro, e de ver como Lisboa assassina assim as gerações, pôz-se-me n'alma uma tristeza imensa, e lá fiquei também sem apetite, fitando tristemente os olhos no menino que permanecia amolgado e mudo, sem dar gestos de vida, sem um gorgêjo, um gesto, um grito, um choro. Quem o feio ama bonito lhe parece, e os olhos dos pais andam cobertos dum névoa que lhes não deixa ver a realidade ou a imperfeição da descendência; por modos que, atendendo o casal na direcção dos meus olhos, logo ali me garantiram pal e mãe que criança mais esperta e viva do que aquela não deixara ainda Deus ao mundo: «E o que isto fala, se o senhor o ouviste? Vem a saber que o pequenino decrépito, à força de mixórdias de botica, conseguiu articular «pai», «mãe», «chi-chi» e «papa» na idade em que os descalços filhos das aldeias saltam já como cabritos e guardam gado, em tempo, pelo lombo de rudes sarranias. A criança continuava anodorrada, parecendo até já ter transposto em meio a barreira finíssima que a separava da tumba. Pegou-lhe a mãe ao colo, talvez para que ele visse melhor as graças encarecidas. «Meu menino!», descerrou os lábios e esbranquiçou, abriu os olhos e olhou amortecidos um pouco mais, e sem ter tempo de articular uma sílaba, entrou desaperadamente a tossir, a tossir...

O FUNCIONALISMO EM LUTA A RAZÃO IMPÕE-SE

Precisamente porque o movimento do funcionalismo público tem vindo afirmando-se de dia para dia, é que começa ouvindo-se aquela estafada ária da «pátria e a república em perigo» com o correlativo convite ao regresso ao trabalho.

Assim tem acontecido sempre com os movimentos da classe operária, mormente aqueles que pela sua extensão e grau de unidade mais tem feito tremer os governantes.

São processos conhecidos em demasia. Desde a proclamação da república, para tem sido a greve sobre a qual não tem sido peizado, no intuito de rarefazer o ambiente, aquela tendenciosa atmosfera.

O funcionalismo público, embora classe até agora afastada das lutas económicas, não deixará, estamos certos, de aprender o verdadeiro significado dos patrióticos conselhos que criaturas desinteressadas se permitem dar-lhe.

Iniciado o seu movimento, atingido o grau de extensão que hoje se constata, o caminho está sobejamente indicado, tanto mais que o motivo que o impulsiona não se apaga tão mero papulismo, com *trucs*, qualquer que seja o verniz com que os disfarçam.

Trata-se de evitar que a greve produza todos os estragos de que é capaz, dado que a miséria há muito que entrou na maioria desses lares, e neles permanece, embora coberta de atavios enganadores, mas tão descaradamente mortificante como se não se apresentasse. Esta a verdade, este o motivo porque o funcionalismo não deve recuar.

A greve dos funcionários públicos continua sem alteração, estando paralisados todos os serviços burocráticos, excepto nos ministérios da guerra e da marinha.

As medidas de ordem e segurança no Terreiro do Paço estão muito atenuadas.

Não deu resultado o apelo da tal comissão de funcionários republicanos para que todos os seus colegas retomassem imediatamente os seus lugares. Apenas um ou outro empregado esteve nas secretarias, mas por mera curiosidade, não trabalhando.

Nota oficiosa

Estando o funcionalismo público em greve, como decaixas das reclamações apresentadas aos governos, é de manter-se há nessa atitude até que veja alcançado o desiderato, sendo-lhe absolutamente estranhos os movimentos grevistas ou políticos de qualquer outra natureza, por isso que o entendimento até agora existente abrange apenas as diferentes classes de funcionários do Estado.

Assim como o funcionalismo tem recebido de todas as corporações, as melhores provas de aplauso e incentivo para uma atitude de firmeza, de igual modo reconhece o direito que assiste às restantes classes de defenderem a sua situação económica, dispensando com agradecimento a mesma simpatia, a todos os órgãos de defesa das classes laboriosas.

Lamenta o funcionalismo em greve que a falta de constituição e manutenção dum governo não lhe tenha permitido entrar no caminho da solução do conflito, desmentindo com toda a energia os boatos que hora he vem fazendo correr de que há no seu seio elementos com fins reservados.

Estamos perfeitamente unidos e, compreendendo bem os já gastos *trucs* com que se procuram enfraquecer as causas justas, sabemos repudiar as afirmações sem fundamento que não conseguiram dividir-nos.

Que todos os funcionários se compenem da sua situação e da sua força, mantendo-se firmes e unidos, como firmes e unidos estão os seus comités, até que, exgotados os recursos políticos, possam ser encarados de frente e sem subterfúgios os nossos pedidos, por quem de direito.

Sabem já estes comités que nas centrais dos correios e dos telegrafos se faz sentir o efeito da estada ali de elementos estranhos, encontrando-se dispersos pelas salas documentos e impressos cujo valor será desnecessário encarecer.

Extremamente penhorados, registamos as afectuosas saudações bem a prova de íntima solidariedade que os camaradas telegrafistas de Valência de Alcântara, em nome dos seus colegas de toda a Espanha, nos enviam por intermédio da Agência Rádica.

Em nome de todos os telegrafistas portugueses, o seu Comité Central reconhece altamente e faz os mais ardentes votos pelas prosperidades de tam nobres camaradas.

O Comité dos Correios e Telegrafos. O Comité Central do Funcionalismo Público.

Correios e telegrafos

Como se achem em uma das salas do correio, que se encontram na respectiva estação central, uns passaportes pertencentes a emigrantes para o Brasil, o administrador geral pediu para que uma comissão do pessoal em greve se entendesse com ele para que esses documentos fossem entregues aos interessados. Resolveu o comité, por reconhecer que a demora desses passaportes prejudicava de sobremaneira os cidadãos emigrantes, que uma comissão composta do presidente do pessoal maior, vice-presidente do pessoal menor, Aurélio Facha e Joaquim Seguro, fossem hoje dar conta dessa missão.

Professores primários

Do Grémio dos Professores Primários

NOTAS & COMENTÁRIOS

A altura das circunstâncias

Temos dito nestas colunas que o sr. Mayer Garção é um temperamento inconstante, dizendo hoje as verdades que amanhã contradiz. Precisamente no seu artigo de anteontem, o sr. Mayer Garção dizia que os governos não tem estado à altura das circunstâncias. É uma verdade. Porém, o sr. Garção apenas exprimi metade de uma verdade que aqui completamos: os governos não estão à altura das circunstâncias ante os presentes greves, assim como o não estiveram quando se elaborou a lei de 6 de Dezembro de 1910, nem estarão nunca.

A altura das circunstâncias é a abolição desses governos que, pela sua estrutura especial, tem interesses antagónicos aos do povo trabalhador. O povo governado pelo próprio povo, sem sistemas de parlamento, nem guarda republicana, é que se pode considerar a verdadeira, a autêntica altura das circunstâncias.

A ordem

Apesar das greves que alastram duma maneira assombrosa, nunca se verificou tanto sossego, tanta calma, como nestes últimos dias. E porque? Porque não há governo, porque não há uma entidade que rompa esse sossego habitual com a sua maneira de restabelecer a ordem, que realmente existe.

A ver vamos, logo que o novo ministério tome assento nas cadeiras governamentais, que a desordem começará, provocada pelos eternos amigos da ordem pública.

A suspensão

Não havia governo. Não havia quem legalmente pudesse suspender as garantias. No entanto o boato da sua suspensão transitava, avolumava-se, assustando o povo, já que a suspensão de garantias é dar lugar às autoridades para matar, vexar, desancar o povo pagador, sem que os autores dessas arbitrariedades sejam chamados a responsabilidade, visto que, as garantias, isto é, a garantia da nossa vida estaria suspensa. Agora já há governo e estando à sua frente o sr. Baptista... estamos todos garantidos.

Pão?

Vieram trazer-nos ontem a esta officina um bocado de pão de 2.ª qualidade, comprado por Guilherme Cardoso, rua do Meio, à Lapa, 95, 2.ª, numa padaria da rua Borges Carneiro.

Longe estávamos de supor tratar-se de pão, quando nos foi apresentada tal preciosidade.

Garantiram-nos ter apenas dois dias de comprado, tendo estado durante esse tempo dentro duma gaveta.

O aspecto do pequeno bloco em questão é o mais repugnante que pode imaginar-se. Impossível mesmo descrever a impressão de nojo e de revolta que se sente ao lançar uma rápida vista de olhos sobre tal mixórdia.

Nada há ali que denuncie a existência de farinha, por mais escura que seja. É um misto de verde e preto, matizado por pequenos pontos encarnados e outros de cores diversas, irrompendo por diversos lados a rama do bolor.

Custa a acreditar que tal porcaria se manipule, dados os terríveis estragos que infalivelmente causará os estômagos de quem a compre.

Mas, para quê os espantos? Não é assim que se fazem as grandes fortunas?

Mantém-se a arbitrariedade

O operário metalúrgico António Peixe que, ao que dizem, foi preso por equívoco há uns dias—o que se não sucede num país que tem autoridades tão excentricas como este—prêso se encontra, agora por esquecimento, ao que nos informam.

Custa a acreditar que tal porcaria se manipule, dados os terríveis estragos que infalivelmente causará os estômagos de quem a compre.

Mas, para quê os espantos? Não é assim que se fazem as grandes fortunas?

No Governo Civil

Uma comissão de funcionários públicos esteve ontem no governo civil, a fim de saber qual a atitude do pessoal perante o actual conflito. Foi-lhe dito que todo o pessoal mantinha as resoluções tomadas na semana passada, mas que não podiam abandonar o trabalho em consequência dos serviços internacionais que existem no governo civil.

Pessoal dos Hospitais Civis

Na sua reunião magna deliberou que o pessoal continue em sessão permanente e nos seus lugares à excepção da Secretaria e Contabilidade de Farmácia e Económico, que já abandonou esses serviços e o restante pessoal espera ordens do Comité da greve.

Notas várias

A associação do pessoal menor das escolas primárias, resolveu continuar em sessão permanente até final da greve. Esta associação está em comunicação directa com a classe do professorado primário, só obedecendo às ordens dos comités do movimento.

O pessoal marítimo da Alfândega resolveu dar todo o seu apoio à greve, mantendo unicamente o serviço de visitas.

A associação dos empregados menores dos liceus de Portugal resolveu manter-se em sessão permanente, começando as sessões às 12 horas. Mais resolveu que nenhum empregado dos liceus retome o serviço sem que o comité central o determine.

Os funcionários da Secretaria e Tesouraria do hospital de S. José abandonaram ontem as repartições.

Consta que hoje fecharão as restantes ficando unicamente o pessoal de enfermagem, farmácia e cozinhas.

Às 16 horas foram convidados a abandonar as repartições o pessoal do Económico, Contabilidade de Farmácia e outras o que fizeram acto contínuo.

O pessoal da Morgue que se tem limitado a receber cadáveres e a fazer a sua identificação, conforme combinação que fizeram com a comissão de grevistas

ANTE O GOVERNO A posição da organização operária

No poder o sr. António Maria Baptista, que nós conhecemos muito bem pelas violências que cometeu contra a classe operária, quando ministro da guerra, ainda não há um ano, tudo nos indica que o actual presidente do ministério e ministro do interior vai voltar a mostrar-se um feroz adversário da organização sindicalista.

É claro que, a despeito de todos e quaisquer actos de força que o sr. António Maria Baptista e o seu governo venham a praticar contra a organização operária, esta continuará a exercer a sua acção, que será tanto mais viva quanto mais contumazes forem os ataques dos novos governantes, que hão de cair, permanecendo aquela de pé.

Afirmar-se—e nós acreditamos—que o novo governo pretende iniciar a sua acção exercendo um grande acto de força contra as corporações em greve, alvejando sobretudo o funcionalismo público.

Se tal suceder, isto é, se o governo do sr. António Maria Baptista praticar a violência que se anuncia contra o funcionalismo público é quasi certo que não encontrará a enfrentar os seus golpes apenas aquela corporação—que aliás dispõe de óptimos elementos de resistência—mas a classe operária em péso, que dará aos trabalhadores perseguidos toda a solidariedade da sua grande alma.

O exemplo da primeira greve dos correios e telegrafos é possível que se repita—se assim o quiser o novo governo.

Os «patriotas» são... políticos

Publicaram ontem os jornais uma nota assinada por uma comissão de funcionários republicanos convidando o funcionalismo em greve a retomar o trabalho, para salvação da Pátria e da República. Ora os patriotas que tal terrorizam pela sua República, são de moral muito duvidosa, porquanto não só quasi todos formam na polícia de segurança do Estado, mas muitos deles são simultaneamente empregados de casas de batata.

Dum placard que está afixado numa das dependências da Associação do Pessoal Menor dos Correios e Telegrafos arrancam-se as seguintes notas biográficas de oito dos... egregos cidadãos, só se desconhecendo as dos dois restantes que firmavam o tal apelo patriótico:

António Augusto Ribeiro, ex-servente da repartição da propriedade industrial e actualmente 3.º oficial do Instituto de Seguros Sociais e polícia da segurança do Estado. Foi também polícia civil.

Artur Abrantes, ex-carregador da União Fabril, antigo guarda republicano e actualmente 3.º oficial do ministério do interior, acumulando com os lugares de fiscal da câmara municipal e agente da segurança do Estado.

Manuel Pina Coelho, ex-moço da casa Grandela, empregado das casas de jogo, funcionário do Instituto de Seguros Sociais Obrigatórios e polícia de segurança do Estado.

Domingos Vasquez, 2.º oficial do Instituto de Seguros Sociais, filho do proprietário da casa de jogo «Moulin Rouge», onde também é empregado, tendo antes tido uma vida acidentada; é também agente do governo.

Aurélius Daniel, fiscal do ministério da agricultura, onde nunca comparece, antigo porteiro de casas de batata, polícia de segurança do Estado e proprietário do bufete do club «Moulin Rouge».

Martins de Lemos, exerce o ofício de sapateiro na escada n.º 173 da rua do Arco da Bandeira, é empregado do ministério da agricultura, agente auxiliar da polícia da segurança do Estado e antigo empregado de casas de jogo.

Alberto de Sousa Ferreira, 2.º sargento reformado, recebendo o pré respectivo, acumulando este ordenado com os vencimentos da polícia da segurança do Estado, 3.º oficial do ministério de finanças, etc.

Alvaro Ferreira Roca, antigo marçano, polícia da segurança do Estado, contrabandista de armas de fogo e empregado da estatística do ministério das finanças.

Que nos dizem ao cadastro de tais patriotas?

EM FARO

Os operários da construção civil em greve

Depois de várias demarches junto dos industriais, os operários da construção civil de Faro declaram-se em greve a fim de obter melhoria de situação.

Possuimos um exemplar do vibrante manifesto que esta classe fez distribuir profusamente, o qual expõe claramente as precárias circunstâncias em que os referidos operários se encontram, fazendo ressaltar que justas são as suas reclamações. Pede, o mesmo manifesto, a todos os trabalhadores que os não vão atalçar, o que certamente não acontecerá, porquanto a solidariedade vai sendo uma grande força entre os que trabalham.

Operário: Se não foste ainda ao teu sindicato contribuir para a «Casa dos Trabalhadores», não te demores em fazê-lo

